

lidade não receitar um antidepressivo quando o caso é comprovadamente de depressão", afirma Assumpção Junior.

Muitos médicos adicionam exercícios físicos ao tratamento. Mas a grande novidade se chama terapia cognitiva. "Ela representa o que há de mais moderno em tratamento. Centrada nas queixas dos pacientes, a terapia cognitiva foca nos sintomas da depressão", diz o psiquiatra Gustavo Teixeira, autor de *Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência*. A família também tem um papel importante – tanto no diagnóstico como na recuperação. Os parentes são os primeiros a perceber sintomas como o uso de drogas e álcool. "Não são raros os casos em que o jovem deprimido começa a usar drogas, numa tentativa de automedicação", afirma o psiquiatra John Mann.

Foi o caso de Bruno, hoje com 18 anos. Ele diz que sempre gostou de esportes. Garoto, fez natação, handebol e mais de dez anos de judô. A depressão veio na passagem para a adolescência. O problema poderia ser atribuído a um conjunto de fatores: pais ansiosos e rígidos, a

chegada de um irmão para dividir as atenções e históricos de depressão na família. Bruno diz ter perdido três anos no colégio e ter começado a usar drogas. Há dois anos, a mãe descobriu. Bruno afirma que partiu dele a decisão de procurar um médico. Diz que tomou antidepressivos e passou a frequentar terapia no Centro Regional Integrado de Atendimento ao Adolescente, da Universidade Federal Fluminense. Hoje, afirma que está bem. "Perdi muito tempo sem fazer nada", diz ele. Bruno passou num concurso de pára-quedistas do Exército. Os pais ainda temem uma recaída. Bruno, não. Diz que a única queda que passa por sua cabeça é o salto do avião. ■

@ Entrevista com o doutor Assumpção em [www.epoca.com.br](http://www.epoca.com.br)

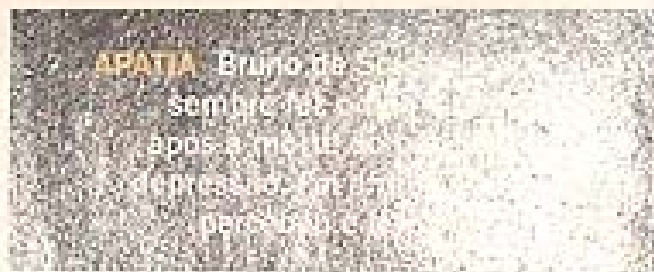


Foto: Marco Serra Lima/EPACA

